
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

“O HAITI (NÃO) É AQUI”?: SILÊNCIOS, REGATEIOS E ESTILHAÇOS NOS DIÁLOGOS HAITI-BRASIL

Vanessa Massoni da Rocha¹ (UFF)

RESUMO: Este artigo analisa perdas e silêncios na literatura contemporânea a partir da perspectiva Haiti-Brasil. Apesar de compartilharem histórias similares ligadas ao imperialismo europeu, à colonização, à diáspora africana, à escravização, à exploração de riquezas naturais como o açúcar e às insurgências independentistas, a ilha caribenha do Haiti e o Brasil parecem pouco se conhecer. A circulação de bens culturais se faz diminuta e, à primeira vista, se mostra associada a visões negativas. Visto pelo Haiti, o Brasil se limita ao futebol e à violência do exército nacional em missões ligadas à ONU. Visto pelo Brasil, o Haiti se resume aos imigrantes precarizados, à canção estigmatizante de Caetano Veloso e ao imaginário de subdesenvolvimento e pobreza crônica. Propomos uma trajetória sobre estes imaginários cruzados e nos atemos ao caminho da tradução de obras literárias haitianas no Brasil. A publicação em 2020 da obra bilíngue *Estilhaços* – antologia de poesia haitiana contemporânea pode ser interpretada como novo capítulo desta história repleta de lacunas e mal-entendidos. Ausência sentida no imaginário cultural brasileiro, o Haiti tem a chance de ser ressignificado através da antologia recém-lançada, na qual emerge uma potência literária em espelhamento com o Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: tradução; poesia haitiana; literatura contemporânea; estudos pós-coloniais.

“IS HAITI (NOT) HERE?”: SILENCES, HAGGLING, AND SHRAPNELS IN HAITI-BRAZIL DIALOGUES

Abstract: This article analyzes losses and silences in contemporary literature from the Haiti-Brazil perspective. Despite sharing similar stories linked to European imperialism, colonization, African diaspora, enslavement, exploitation of natural riches such as sugar, and independentist insurgencies, the Caribbean island of Haiti and Brazil seem to know little of each one. Circulation of cultural goods is small and, at first glance, associated with negative views. Seen by Haiti, Brazil is limited to soccer and the violence of the national army in missions linked to the United Nations. Seen by Brazil, Haiti is limited to precarious immigrants, Caetano Veloso's stigmatizing song, and the imaginary of underdevelopment and chronic poverty. We propose a trajectory on these crossed imaginaries and join the path of translation of Haitian literary works in Brazil. The publication in 2020 of the bilingual work *Estilhaços*, an anthology of contemporary Haitian poetry, can be interpreted as a new chapter in this story full of gaps and misunderstandings. An absence felt in Brazilian cultural imaginary, Haiti has the chance to be re-signified through the newly launched anthology, where a literary power emerges mirroring Brazil.

KEYWORDS: translation; Haitian poetry; contemporary literature; post-colonial studies.

Recebido em 12 de julho de 2020. Aprovado em 17 de dezembro de 2020.

¹ vanessamassonirocha@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/2977695504057703>

“O que eu vivo em dois dias no Haiti, eu levo dois anos para viver na Martinica”² (Bocandé 2014). A frase, atribuída por Yanick Lahens a um amigo haitiano exilado na ilha da Martinica - a 1.290 km a leste do Haiti - evidencia a história efervescente do país. O eufemismo de Lahens remonta à turbulenta história do país. Ele sofreu a colonização espanhola de 1492, ano da chegada de Cristóvão Colombo, até 1697, quando a Espanha cedeu parte da ilha para mãos francesas. As disputas coloniais entre Espanha e França explicam um compartilhamento geográfico incomum: o Haiti ocupa a parte oeste de uma ilha das Grandes Antilhas, no mar do Caribe, onde também se localiza a República Dominicana. A este respeito, James Noël enumera algumas provocações: “Sou do Haiti, que é uma ilha, um terço de uma ilha que compartilha o mesmo território com a República Dominicana. O Haiti é absolutamente uma ilha? Ou metade de uma ilha, como alguns se perguntam?”³ (Spear 2009).

Mais de uma década de intensa e sangrenta insurreição armada dos escravizados contra o sistema imperialista francês culminou na independência haitiana, em 1804. Neste ano, o Haiti passa a ostentar os títulos de primeira república negra nas Américas e primeiro país das Américas a abolir a escravatura. A pesquisadora Eurídice Figueiredo nos lembra que “como nenhum outro país do Caribe tinha uma história tão espetacular quanto o Haiti — sendo que alguns ainda eram colônias ou mantinham uma relação de dependência com os Estados Unidos — o Haiti desempenhou um papel de ícone da revolução” (2006: 383), tendo influenciado diversas insurgências, dentre elas a cubana. A declaração de independência haitiana, uma carta assinada pelo líder J. J. Dessalines, reverberou na proclamação da independência brasileira. Em 7 de setembro de 1822, o D. Pedro I entoou as palavras de ordem “Independência ou morte” em ato simbólico marcando a fundação do Brasil enquanto estado-nação dissociado de Portugal. O termo “Independência ou morte” retoma *ipsis litteris* o início do segundo parágrafo da declaração endereçada por J. J. Dessalines ao povo haitiano em 1804.

A despeito das conquistas de 1804, o país seguiu navegando em águas turvas. Desde então, o Haiti teve de pagar dívidas de guerra, foi ocupado pelos Estados Unidos, viu sua independência não ser reconhecida internacionalmente, viveu golpes militares, foi submetido à ditaduras, possuiu governos interinos, esteve envolvido em escândalos de corrupção e bloqueios econômicos e é alvo de intervenção da Organização das Nações Unidas (ONU). A turbulência político-econômica foi definida de maneira poética pelo escritor haitiano René Depestre, para quem o “Haiti está esperando um governo para regá-lo”⁴ (Sroka 1997). A imagem de Depestre faz alusão ao país como corpo vivo enfermo, sedento e ressecado à espera de antídotos para sua devastação.

No que pese uma história de resistência popular e de pioneirismo revolucionário, o país acumulou revezes de grande envergadura. “O Haiti foi a Cuba do século XIX”

² Ce que je vis en deux jours en Haïti, je mets deux ans à le vivre en Martinique.

NB: todas as citações em francês foram traduzidas pela autora.

³ Je suis d’Haïti qui est une île, un tiers d’île qui partage le même territoire avec la République dominicaine. Est-ce qu’Haïti est absolument une île ? Ou une demi-île, comme certains s’interrogent ?

⁴ Haïti attend qu’un gouvernement l’arrose.

(Figueiredo 2006: 375) e esta condição de isolamento econômico deixou suas marcas no país. O ambiente político inquieto e as mazelas sociais e econômicas provocaram o que se compreende por “diáspora haitiana”, o exílio em massa para diversos países. A baixíssima qualidade de vida haitiana se tornou um “contra-exemplo” para movimentos de ruptura institucional nas Américas. O heroísmo revolucionário de outrora não reverberou nos Índices de desenvolvimento humano (IDH). Em 2018, o país ocupou a 169ª posição mundial, segundo dados apresentados pelo Programa de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas.

Aimé Césaire, intelectual e político martinicano, cunhou o verso “Haiti, onde a negritude se colocou em pé pela primeira vez”⁵ (2008: 24) no *Cahier d’un retour au pays natal*. Se em 1939, ano de publicação do longo poema, Césaire exalta a força, a luta e a vitória da revolução haitiana, anos mais tarde, em 1946, ele se empenhará em esvaziar os movimentos independentistas na ilha e será partidário da departamentalização.

E neste panorama ainda não levamos em conta as tragédias provocadas por fenômenos naturais em solo haitiano, sendo a maior delas o terremoto ocorrido em 12 de janeiro de 2010, com mais de 250.000 vítimas fatais e um rastro de 1,5 milhão de desabrigados. O sismo teve seu epicentro na parte oriental da península de Tiburon, a cerca de 25 km da capital haitiana, Porto Príncipe. À época ocorria na capital o Festival do livro e do filme *Étonnants Voyageurs*, reunindo grandes baluartes do cenário literário e audiovisual. Desta forma, o terremoto não tardou para adentrar o âmbito literário: o escritor haitiano Dany Laferrière cartografou o terremoto no romance *Tout bouge autour de moi*, lançado três meses após a catástrofe, onde ele se refere à ternura do mundo diante do cataclisma e dos sobreviventes: “claro que através de mim, se voltam à esta ilha ferida, mas cada vez menos isolada” e preconiza que o “Haiti continuará a ocupar por muito tempo o coração do mundo”⁶ (2012: 182). Por sua vez, Yanick Lahens “nos obriga, com redação direta e palavras fortes, a andar por entre seus escombros sem muletas” (Zanela 2016: 357) no romance *Failles*, de 2010. O romance foi traduzido para o português em 2012 por Sérgio de Queiróz Duarte, embaixador e diplomata brasileiro integrante da ONU.

Lahens, em *Falhas*, chama atenção para o pós-terremoto em Porto Príncipe: “Mesmo assim, Port-au-Prince não era de forma alguma obscena. O que era obsceno, e ainda permanece, é o escândalo de sua pobreza” (2012: 16). Em seguida, afirma que “a carência absoluta é uma indecência em si mesma” (2012: 69). Évelyne Trouillot faz eco com Lahens ao assinalar que “a miséria esquarteja a alegria” (Amaral 2020: 59) e a escritora guadalupense Maryse Condé preconiza que “a arte, a cultura são compensações necessárias ligadas à infelicidade de nossas vidas”⁷ (2003: 266). No lastro destes acontecimentos políticos e naturais, cabe observar que:

⁵ Haïti où la négritude se mit debout pour la première fois.

⁶ Bien sûr qu’à travers moi, on s’adresse à cette île blessée, mais de moins en moins isolée. Haïti continuera d’occuper longtemps encore le coeur du monde.

⁷ L’art, la culture sont des compensations nécessaires au malheur de nos vies.

o Haiti é um dos países mais pobres das Américas. Cerca de 75% da população vive na pobreza. (...) A agricultura emprega quase três quintos da força de trabalho. (...) Estima-se que a taxa de desemprego no Haiti seja de 65% da força de trabalho. (...) Embora a classe rica represente apenas 2% da população, ela controla 44% da renda nacional. (Enciclopédia Agora 2012)

O público brasileiro pouco conhece do Haiti. Compartilhamos histórias ligadas à empreitada colonial nas Américas, à exploração imperialista, à diáspora negra, à escravização e aos nefastos legados coloniais que se imprimem nos dias de hoje no racismo, nas desigualdades sociais, na concentração de renda, nos sistemas políticos corruptos. Por um lado, no senso comum brasileiro, o Haiti evoca uma imagem negativa de flagelo e miséria ligada aos numerosos imigrantes relegados aos empregos informais nas ruas das principais metrópoles brasileiras. De fato, o governo brasileiro promulgou o visto humanitário para haitianos e estima-se a presença de mais de 100.000 imigrantes haitianos no Brasil. Na pesquisa “Haitianos em São Paulo – exclusão e invisibilidade social no contexto da mobilidade urbana”, José Ailton dos Santos afirma que os exilados haitianos “sofrem diariamente todo processo de invisibilidade social, exclusão, racismo e xenofobia” (2018: 110) e revela que “na própria legislação brasileira se verifica resquícios que impedem de atender aos princípios básicos dos Direitos Humanos” (2018: 4).

Por outro lado, em 1993, o álbum *Tropicália 2* de Caetano Veloso e Gilberto Gil trazia “Haiti”, composição de abertura do disco, com letra de Caetano Veloso e arranjo de ambos. Caetano apresenta a música como “rap pioneiro brasileiro” e salienta sua capacidade de mostrar a “definição do status das pessoas no Brasil”, afinal “mesmo se você é quase branco, no Brasil você é quase preto” (Trigueiro 2020). A música reproduz cenas de abuso de autoridade policial contra, notadamente, a população negra durante uma festa do Olodum no Pelourinho. Definidas por ele como “brutais” e “habituais”, as cenas desmascaram a violência policial, o racismo e as desigualdades brasileiras. Apesar de focalizar mazelas nacionais como as ocorridas no Pelourinho e na chacina do Carandiru, a canção entoava versos como:

Ninguém, ninguém é cidadão
Se você for a festa do pelô, e se você não for
Pense no Haiti, reze pelo Haiti
O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui.

e

111 presos indefesos, mas presos são quase todos pretos
Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres
E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os pretos
E quando você for dar uma volta no Caribe (...) Pense no Haiti, reze pelo
[Haiti]

O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui.

Estamos diante da premissa de uma “haitização” do Brasil, visto a partir do flagrante desrespeito aos direitos humanos e da opressão violenta que aproximam dores daqui e de lá. A música se constrói em torno de uma – lamentável e infeliz – ameaça explícita: ou o Brasil repensa suas práticas ou se tornará um Haiti, sendo este último a pior face possível a ser eleita. De fato, “Brasil e Haiti sofreram e ainda sofrem com o bárbaro processo da violência simbólica, da luta de classes, das relações de poder, da negação da cor e identidade étnica” (Silva 2017: 13). No entanto, impõe-se o questionamento: se as tragédias da música são tão brasileiras, por que o país antilhano ocupa o protagonismo em seu título e se vê contemplado no seu refrão? Neste momento, se pulverizam os paradigmas de honras revolucionárias do passado haitiano em detrimento de um presente assolador que, embora se assemelhe bastante com a realidade brasileira, se faz reconhecer por aqui como modelo a ser veementemente rechaçado. Cabe ressaltar que por um tempo Caetano fez *mea culpa* acerca da música, que acabou por rotular o país antilhano. Contudo, neste “momento incandescente de reflexão sobre nossas desigualdades”, a canção volta à baila e o jornalista André Trigueiro, em entrevista com Caetano Veloso, em 6 de junho de 2020, a define como “soco no estômago”, “música linda, porém dolorosa”, “música nem um pouco datada” que “fala desta desigualdade que nos aflige”, “de situações constrangedoras vividas por negros, mestiços, mulatos que nós brancos nem sabemos quais são”.

Neste sentido “no duplo fio do discurso que vai abrindo gretas, mostrando fissuras, o Haiti funciona como um espelho. É ao mesmo tempo o “eu” e o “outro”, o “eu” que permite ver o outro nesse jogo de máscaras das identidades, que mais parece um jogo de alteridades” (Esteves 2008: 231). Assim, “a reflexão, enfim, pressupõe a visão do outro – o espelho. Através do outro o eu pode enxergar-se. A presença do outro dá sentido a sua vida. O outro é o Haiti, que é ao mesmo tempo o Brasil, que é América Latina, apesar de não querer sê-lo. O Haiti somos nós” (Esteves 2008: 233). Infelizmente, o termo não tardou para se tornar um estigma. Roberto Zwetsch redige o artigo “O Haiti é aqui?” no portal *Brasil de fato*. Seria mais um artigo comparando as penúrias brasileiras e haitianas, não fosse o simples fato de que não há menção alguma ao Haiti no texto publicado. Eis a chamada: “Pastor luterano alerta para que Brasil não chegue à situação de Guayaquil, no Equador, onde corpos apodrecem nas ruas”. Assim sendo, o Haiti se eleva, num senso comum e já como chavão jornalístico e cultural, a uma metonímia da indignidade, da degradação e da derrota social. O nome do país caribenho vem à boca daqueles que desconhecem sua história, repetindo, porém, um termo lido aqui e acolá à exaustão como ladainha alusiva à excrescência e à penúria.

A título de curiosidade, é possível supor outra interface cultural entre as Antilhas francesas e o Brasil nas composições musicais de Caetano Veloso. O clássico “Como 2 e 2” (1971), de sua autoria, foi regravado no mesmo ano por dois consagrados intérpretes: Roberto Carlos no álbum homônimo e Gal Costa no álbum *Fa-Tal - Gal a Todo*

Vapor. A canção, que discorre sobre a ditadura militar brasileira apresenta os versos “Tudo certo como dois e dois são cinco”. Em 1934, Aimé Césaire inclui, no já mencionado poema *Cahier d’un retour au pays natal*, o verso “que 2 e 2 são 5”⁸ (2008: 27).

O cancionero nacional acolhe o Haiti em pelo menos outra oportunidade. A música “Nome aos bois” do grupo de rock Titãs enumera 34 nomes de líderes mundiais de inegável perfil antidemocrático. Lançada em 1987 a canção elenca Papa Doc e Baby Doc, ditadores haitianos conhecidos por reiteradas práticas de desrespeito aos direitos humanos. Pai e filho, Papa Doc, apelido de François Duvalier, e Baby Doc, alcunha de Jean-Claude Duvalier, se mantiveram no poder nos períodos de 1957-1971 e 1971-1986. Embora tenha sido eleito democraticamente em 1957, Papa Doc promoveu um golpe militar no ano seguinte e arrastou o país para um nebuloso período totalitário.

Dany Laferrière aponta que “o Brasil tem três coisas em comum com o Haiti: o café, o amor ao futebol e o vodu – eles praticam uma variante do vodu, o candomblé”⁹ (2012: 130). No âmbito do futebol, em 2004 houve um amistoso conhecido como “jogo da paz” entre as seleções do Brasil e do Haiti. Naquele momento, imagens de televisão mostraram ao público brasileiro ruas de terra batida, casebres, população descalça e vestida de maneira extremamente simples, que muito se assemelham à realidade tanto do interior quanto de subúrbios brasileiros. Em jornais como *A Folha de São Paulo*, reportagens não hesitaram em ressaltar os mesmos aspectos:

No trajeto até o estádio, os jogadores conseguiram ver a pobreza da capital haitiana. O comboio passou por várias favelas, algumas que exalavam um cheiro forte de esgoto. Nas áreas mais pobres, quase todas as casas eram de zinco. O Haiti é o país mais pobre do hemisfério ocidental, de acordo com o Banco Mundial 80% das pessoas vivem abaixo da linha da pobreza. (Scolese; Rangel 2004)

Após breves ponderações acerca de diálogos históricos, musicais e esportivos que aproximam o Haiti e o Brasil, contemplamos, na seara política, o papel exercido pelas Forças armadas brasileiras em terras caribenhas. Nessa perspectiva, Lília Schwarcz (2020) denuncia os bastidores da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah), capitaneada pelo Brasil no Haiti:

a criação da Minustah se deu no marco das relações internacionais legais, enquanto lideranças, intelectuais, jornalistas e políticos haitianos alertavam já naquele contexto que o Haiti necessitava não de forças de paz (pois não havia guerra), mas sim de soluções efetivas para a superação de pobreza que aflige boa parte de sua população (aliás, uma dívida histórica que o mundo tem com o Haiti).

⁸ 2 et 2 font 5

⁹ Le Brésil a trois choses en commun avec Haïti: le café, l’amour au foot et le vaudou - ils pratiquent une variante du vaudou, le candomblé.

Em seu texto denunciatório, ela busca perscrutar zonas ocultas da história e “tirar o véu de espanto” (Schwarcz 2019: 26) do autoritarismo brasileiro, chamando a atenção para o “papel estratégico nas políticas de estado” da “construção de uma história oficial” (Schwarcz 2019: 21) que carece de contestação. Sob este paradigma, ela esclarece:

a Minustah se autoatribuiu a tarefa de tirar o Haiti do “caos”, mas se transformou, ela própria, numa força de instabilidade. Isso porque longe de apoiar as organizações haitianas, que há muito lutavam pela democracia, competiu com elas e promoveu um conjunto de iniciativas violentas contra supostos grupos armados, ao mesmo tempo em que desacreditava a imprensa haitiana e ignorava as denúncias de advogados e lideranças. (Schwarcz 2020)

Nesta perspectiva, Gary Victor delata a presença violenta do exército brasileiro em missão no Haiti. A história percorre as desventuras de um escritor que caminha na ilha em busca de inspiração para escrever um conto centrado na colonização. Sem razão aparente, o escritor se vê agredido, encarcerado, torturado e quando libertado, impelido a não denunciar o imbróglio ocorrido. O conto se estrutura num crescendo de absurdos em que não se conhece a acusação contra o haitiano nem se esclarecem os procedimentos legais das agressões gratuitas e desmedidas a ele infligida: “vi três homens de alta estatura, com uniforme do exército brasileiro, descer do furgão com M-16 na mão”¹⁰ (2006: 230) e “o militar brasileiro latiu alguma coisa na sua língua (...) Ele traduziu em português. Um dos militares me bateu nas costelas com a ponta do seu rifle. Gritei de dor. Isso deve tê-los excitado porque eles começaram a me bater em unísono”¹¹ (2006: 232).

Esta série de desalinhos entre Haiti e Brasil parece nos fazer acreditar na égide de dado discurso duplamente acusatório, ressentido, assinalado por olhares estigmatizados, condenados a ver o que há de menos belo e poético na relação entre estes espaços americanos. Certa vez, René Depestre elucidou que “um jornalista francês disse que a história do Haiti terá sido parênteses vazios, politicamente, de instituições cívicas, do estado de direito. Mas nestes parênteses, ainda éramos capazes de constituir uma cultura, uma poesia”¹² (Sroka 1997). E este espaço de construção e de regateios poéticos ganha uma pulsante página com a publicação, em 2020, do livro *Estilhaços – Antologia de poesia haitiana contemporânea*. A obra, organizada e traduzida pelo jovem pesquisador Henrique Provinzano Amaral, examina as vozes haitianas e as descortina para o público brasileiro.

¹⁰ je vis trois hommes de forte stature, en uniforme de l’armée brésilienne, descendre de la fourgonnette, M-16 à la main.

¹¹ le militaire brésilien a aboyé quelque chose dans sa langue. (...) Il a traduit en portugais. Un des militaires m’a frappé dans les côtes avec la crosse de son fusil. J’ai hurlé de douleur. Cela semble les avoir excités puisqu’ils se sont mis à me frapper à l’unisson.

¹² Un journaliste français a dit que l’histoire d’Haïti aura été une parenthèse vide, sur les plans politique, des institutions civiques, du droit. Mais dans cette parenthèse, on a quand-même pu constituer une culture, une poésie.

Estilhaços congrega cinco poetas haitianos: René Depestre, Frankétienne, Marie-Célie Agnant, Évelyne Trouillot e James Noël. A seleção de Henrique Amaral abrange mais de seis décadas da poesia haitiana e reúne autores de diferentes gerações. Da palheta de *Estilhaços* emerge René Depestre, que, com seus mais de 90 anos, ocupa um lugar de prestígio no Brasil. Trata-se do escritor caribenho de expressão francesa com maior número de livros traduzidos para o Português. São três as obras de Depestre disponíveis ao público brasileiro: *Pau de Sebo* (1983, em tradução de Estela dos Santos Abreu e Maria Wanda de Andrade), *Aleluia para uma mulher jardim* (1988) e *Adriana em todos os meus sonhos* (1996). Estas últimas obras em traduções igualmente de Estela Abreu, cujo trabalho preciso, dedicado e primoroso para a divulgação da literatura antilhana no Brasil trilhou caminhos nos quais jovens entusiastas e talentosos como Henrique avançam a passos largos.

Estilhaços acolhe, em seguida, Frankétienne que possui, como Depestre, a carreira literária mais consolidada e premiada dos escritores da antologia. Os dois poetas emergem na cena literária haitiana nos anos 1940 e 1960, respectivamente. Frankétienne “concorrente sério ao Prêmio Nobel de Literatura”, em 2007, “nunca viu a tradução de um livro para o português” (Amaral 2020: 6). Em entrevista concedida à imprensa brasileira em 2007, Frankétienne discorre sobre o Haiti:

Enquanto a aldeia global vê o Haiti como a casa do inferno e do caos, Frankétienne inverte o estigma e sugere que o caos pode ser, sim, fecundo e positivo. Contrariando a opinião comum, proclama a desordem como fonte de vitalidade e mobilidade.

– A desordem é inspiradora – afirma. – Escolhi ser bagunceiro, porque a bagunça faz a imaginação. (Torres 2016)

Em outra parte da reportagem, o artista polivalente afirma que “o mal do Haiti é a estrutura distorcida que nos persegue desde o período colonial. É a cultura do ódio e da divisão, que só poderá ser mudada através da energia da palavra e da vibração do verbo” (Torres 2016).

As vozes femininas de *Estilhaços* se apresentam pelas poéticas de Marie-Célie Agnant e Évelyne Trouillot. “Em todo o meu trabalho, você pode sentir esse senso muito ativo de militância”¹³ (Spear 2009a), confessa Agnant, chamando a atenção para a rebeldia e o engajamento intrínsecos tanto em suas próprias produções quanto no conjunto da antologia: “A revolta contra os donos do mundo tem força nessa poesia” (Falkemback 2020: 34). De fato, a política e o compromisso coletivo – “nossas vozes aglutinadas” (Amaral 2020: 29) – imperam na antologia como linhas de força que mobilizam “sulcos da memória” (2020: 41), “cinzas já arrefecidas” (2020: 39), “cicatrizes” (2020: 59) e “acessos de piromania profunda” (2020: 71) dispostos a criar uma “FRATERNIDADE CONTRA” (2020: 71).

Agnant e Trouillot aludem para o espelhamento do Haiti em suas poéticas. São mulheres-poetas transpassadas pela ilha que escrevem no intuito de criar uma inter-

¹³ Dans tout mon travail, on sent cette empreinte de militance très active

locação com este espaço vibrante que as forjou numa ciranda de êxitos e fragilidades. Trouillot se refere ao Haiti nos seguintes versos: “Mas hoje minha ilha dobrou sua asa e eu recolho nela minha pena de pássaro dilacerado entre a certeza e o voo na beleza esmeralda de sua história palpitante” (Amaral 2020: 53) e Agnant constrói um eu-lírico que “busca obstinadamente / nos escombros de um país perdido / esta língua de luz” (Amaral 2020: 49). Enquanto a primeira evoca o Haiti pela perspectiva de uma fragilidade de pássaro ferido a ser acolhido, a outra aposta no Haiti na perspectiva de uma língua de luz capaz de conceber vida. Por certo, “para dizer minha tão doce ilha / queria poemas em botões de fagulhas / e palavras pirilampas no fundo do poço” (Amaral 2020: 59), revela Trouillot. E eis o Haiti concebido textualmente por sua história palpitante, país perdido e doce ilha, tirando partido da força de todas as suas ambiguidades num emaranhado repleto de força motriz.

Lahens, na aula inaugural da Cátedra de Mundos francófonos, no Collège de France, ensina que “a partir de 1804, aqueles que não têm escolha a não ser viver nestes 27.750 km² (...) são levados a se inventar e inventar neste lugar não conhecido, não imaginado, indesejado”¹⁴ (2019: 3). Ela explica que:

a esta convocação os escritores responderão por dois séculos, alimentando um sonho de habitar um corpo que não é mais o do migrante nu, de acordo com a bela fórmula de Glissant, um lugar e um tempo fundadores, para habitar a escrita como o primeiro lugar, original, um lugar não de mero enraizamento, mas de possível residência e, finalmente, um lugar além da etnia ou da classe, tão vasto quanto o silêncio ou o desconhecido.¹⁵ (Lahens 2019: 3)

Se, de fato, “a Poesia” for “soberana exigência” (Amaral 2020: 59), os cinco poetas de *Estilhaços* não se furtarão ao desempenho de seu papel. Nesta perspectiva, Depestre declara “calhou de eu ser poeta” e conclama, nos versos finais do poema “Um tempo de cão” para “todos juntos sobre a terra / vamos colocar / a existência e suas loucuras enfim no lugar” (Amaral 2020: 15). James Noël parece responder à convocatória de Depestre com a estrofe “um dia a poesia sairá do mercado da poesia / a poesia sairá de sua toca / e pegará a estrada sozinha / como uma adulta (Amaral 2020: 63).

A escrita se torna lugar de enraizamento, de respiro, de análise poética, de perla-boração e de resignificação do estar no mundo. E o Haiti, neste cenário, oferta uma literatura de grande envergadura apreciada em muitos países do globo.

¹⁴ A partir de 1804, ceux et celles qui n’ont d’autre choix que d’habiter ces 27.750 km², (...) sont sommés de s’inventer et d’inventer dans ce lieu non connu, non imaginé, non désiré.

¹⁵ A cette sommation les écrivains répondront durant deux siècles en nourrissant un rêve d’habiter un corps qui ne soit plus celui du migrant nu, selon la belle formule de Glissant, un lieu et un temps fondateurs, d’habiter l’écriture comme lieu premier, originel, un lieu aussi non de simple enracinement mais de possible séjour et enfin un lieu au-delà de l’ethnie ou de la classe, aussi vaste que le silence ou l’inconnu.

Cabe ressaltar que:

a arte é um dos meios pelos quais mais claramente os povos pensam sua identidade, e é exatamente nos momentos de crise nacional, em que os poetas, sobretudo estes, mais expressam a autoconsciência de seu ser político, por meio de um sistema simbólico que se integra à camada conotativa-expressiva da linguagem. Estas analogias representam a relação dialética entre vida nacional e a expressão literária criada por ela. (Cyntrão 2004: 91)

James Noël analisa sua poética: “a palavra ‘ilha’ é recorrente, é claro, mas não como a ilha que se fecha nela mesma. Como um espaço de solidão, é ilha-mundo. A ilha como uma possibilidade de abertura. A ilha como uma aspiração permanente à abertura, ao cosmos”¹⁶ (Spear 2009b). E a partir desta tríade ilha-mundo-abertura vislumbramos o título da coletânea. *Estilhaços* evoca a pluralidade e acolhe dentro de si a ilha do Haiti. O livro se organiza em torno da incompletude, da limitação, do panorama e dos fragmentos, peças de um mosaico maior a ser completado pelos leitores.

Por fim, reconhecemos que “apesar de um recente e superficial interesse pelo Haiti, ainda resta um grande trabalho de tradução de obras importantes de autores daquele país” (Figueiredo 2006: 394). Neste sentido, *Estilhaços* busca suprir uma ausência imensa no diálogo Haiti-Brasil. O mais singelo reside em ver duas línguas-culturas compartilharem a mesma página, ocuparem o mesmo espaço, frente e verso do todo, num contato-palimpsesto capaz de reinventar fórmulas desgastadas à la Caetano Veloso. A despeito do longo atraso, urge o tempo de apostar no paradigma de que ‘Haiti e Brasil são lá/aqui’ e isso querer dizer vida, boniteza e encontro. Afinal de contas, são Haiti e Brasil desfiles de religiosidade, esporte, história, geografia, economia, política, insurgências, canções, poemas, textos e palavras; palavras imbricadas numa tessitura das Américas pós-coloniais carentes de melhor se conhecer, se ver, se espelhar.

OBRAS CITADAS

AMARAL, Henrique Provinzano. *Estilhaços – Antologia de poesia haitiana contemporânea*. São Paulo: Selo Demônio negro, 2020.

AMARAL, Henrique Provinzano. Apresentação. Henrique Provinzano Amaral. *Estilhaços – Antologia de poesia haitiana contemporânea*. São Paulo: Selo Demônio negro, 2020. 5-9.

BOCANDÉ, Anne. “Je ne peux pas m’empêcher d’écrire à partir de ma situation de femme... aussi !” Entretien avec Yanick Lahens. *Africultures – le monde en relation*,

¹⁶ Le mot « île » est récurrent, bien sûr, mais pas comme l’île qui s’enferme sur elle-même. Comme espace de solitude, c’est l’île-monde. L’île comme possibilité d’ouverture. L’île comme aspiration permanente à l’ouverture, au cosmos.

Paris, 2 de fev. de 2014. <http://africultures.com/je-ne-peux-pas-mempecher-decrire-a-partir-de-ma-situation-de-femmeaussi-12055/>.

CÉSAIRE, Aimé. *Cahier d'un retour au pays natal*. Paris: Présence africaine, 2008.

CONDÉ, Maryse. *Histoire de la femme cannibale*. Paris: Mercure de France, 2003.

CYNTRÃO, Sylvia. *Como ler o texto poético: caminhos contemporâneos*. Brasília: Plano, 2004.

DECLARAÇÃO DA PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DO HAITI. <https://mjp.univ-perp.fr/constit/ht1804.htm>

ENCICLOPÉDIA AGORA. Haiti. <http://agora.qc.ca/Dossiers/Haiti#:~:text=%22Ha%C3%AFti%20signifie%20%C2%ABpays%20montagneux%C2%BB,Dominicaine%20en%20occupe%20le%20reste>, 2012.

ESTEVES, Antonio R. Imagens e jeitos do Caribe em Caetano Veloso. *Revista Brasileira do Caribe*, São Luís, v. 9, n. 17, p. 197-234, 2008. <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/2376>.

FALKEMBACK, Daniel. Para dizer uns versos da minha tão doce ilha - A rebeldia e a diversidade da poesia haitiana pela antologia *Estilhaços*. *Suplemento Pernambuco*, Recife, n. 168, p. 34, fev. de 2020. https://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_168_web.pdf.

FIGUEIREDO, Euridice. O Haiti: história, literatura, cultura. *Revista Brasileira do Caribe*, Goiânia, v. 6, n. 12, p. 371-395, jan.-jun. 2006. <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/7567>.

LAFERRIÈRE, Dany. *Tout bouge autour de moi*. Paris: Grasset, 2012.

LAHENS, Yanick. *Falhas*. Trad. Sérgio Duarte. Brasília: FUNAG, 2012.

LAHENS, Yanick. *Urgence(s) d'écrire, rêve(s) d'habiter* – comunicado de imprensa da aula inaugural no Collège de France. https://www.college-de-france.fr/media/yanick-lahens/UPL2690458355075933765_20190321_Presse_YANICK_LAHENS_Mondes_francophones.pdf, 2019.

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DAS NAÇÕES UNIDAS. <http://hdr.undp.org/en/data>, 2019.

REIS, Nando et al. Nome aos bois. Álbum *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*. Lado B, faixa 6. WEA, 1987.

SANTOS, José Ailton Rodrigues dos. *Haitianos em São Paulo – exclusão e invisibilidade social no contexto da mobilidade urbana*. Tese de doutorado (Programa em Saúde Global e sustentabilidade), Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. <https://doi.org/10.11606/T.6.2019.tde-25062019-164357>.

SCHWARCZ, Lilia. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ, Lilia. O Haiti virou aqui: as Forças Armadas como ‘salvadoras da pátria’. *Nexo jornal*. 1 de jun. de 2020. <https://www.nexojournal.com.br/colunistas/2020/O-Haiti-virou-aqui-as-For%C3%A7as-Armadas-como-%E2%80%98salvadoras-da-p%C3%A1tria%E2%80%99>.

SCOLESE, Eduardo; RANGEL, Sergio. Diplomacia de chuteiras – Seleção é ovacionada na capital do Haiti. *Folha de São Paulo*, 19 de ago. de 2004. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1908200405.htm>.

SILVA, Marcelo Abreu da. O Haiti é aqui: reflexões identitárias na letra da canção de Caetano Veloso. *Litterata*, Ilhéus, v. 7, p. 8-20, jan.-jun. 2017. <https://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/1477/pdf>.

SPEAR, Thomas C.; Marie-Célie Agnant. 5 Questions pour Île en île. *Île en île*, New York, 2009a. <http://ile-en-ile.org/marie-celie-agnant-5-questions-pour-ile-en-ile>.

SPEAR, Thomas C. James Noël, 5 Questions pour Île en île. *Île en île*, New York, 2009b. <http://ile-en-ile.org/james-noel-5-questions-pour-ile-en-ile>.

SROKA, Ghila. René Depestre, Haïti dans tous nos rêves. Entrevue avec René Depestre. *Île en île*, New York, 1997. <http://ile-en-ile.org/rene-depestre-haiti-dans-tous-nos-reves>.

THOMAS, Frédéric. Haïti et la communauté internationale: entre déni et complicité. *Libération*, Paris, 2 de jul. de 2020. https://www.liberation.fr/debats/2020/07/02/haiti-et-la-communaute-internationale-entre-deni-et-complicite_1793013.

TORRES, Bolívar. Frankétienne e o romance espiral. *Medium*, 2016. https://medium.com/@inner_island/frank%C3%A9tienne-e-o-romance-espiral-b91ff8280196.

TRIGUEIRO, André. Live com Caetano Veloso, 6 de jun. de 2020. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=oTdEWCubMq4>.

VELOSO, Caetano; Gilberto Gil. Haiti. *Disco Tropicália 2*. Lado A, faixa 1. Rio de Janeiro: PolyGram do Brasil, 1993.

VICTOR, Gary. La Page blanche de la colonisation. Julie Hepfe; COLLEU, Gilles Colleu, orgs. *Dernières nouvelles du colonialisme*. Paris: Vents d’ailleurs, 2006. 229-238.

ZANELLA, Cristine Koehler. As “falhas” que tecem o Haiti. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 357-360, 2016. <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/119135>.

ZWETSCH, Roberto. O Haiti é aqui? - Pastor luterano alerta para que Brasil não chegue à situação de Guayaquil, no Equador, onde corpos apodrecem nas ruas. *Brasil de fato*, São Paulo, 17 de abr. de 2020. <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/17/artigo-o-haiti-e-aqui>.